

14-04-2025

## O navegador

**Josué Euclides Hetinguer**

(Empreendedor – Economista Doméstico)

Navegando pela Foz do Chico, na companhia do vento, Ismael continuava a falar de seu trabalho... *Independente da hora que eu começo a trabalhar eu tenho que realizar uma inspeção completa do barco, verificar o motor, o casco, os equipamentos de segurança, nível de óleo, os suprimentos. ... Mas o que dá mais trabalho é a limpeza. Como essa época ainda não tem muito turismo, o trabalho ainda é um pouco menor.* O barco de Ismael tinha lugar pra acomodar confortavelmente 8 pessoas e um bom espaço para os equipamentos, isopores, materiais diversos, inclusive de pesca. Sem que eu perguntasse, falou que sua renda, dividida com o tio, dono do barco, era muito variável e que chegava a faturar na temporada de passeios o equivalente (hoje) a dez mil reais no mês. Com os gastos de manutenção não era muito mas era bastante. O problema pra Ismael e pra todo trabalhador eram os meses que o faturamento era escasso. O senso de reserva financeira desses trabalhadores é muito interessante e peculiar. Foi mais um aprendizado que levei pra minha profissão de economista doméstico. Talvez eu fale disso adiante. Vendo aquele menino com idade de adulto, em pé como um navegador abnegado, seus cabelos caçoando do vento, aquela beleza inexplicável da paisagem fluvial-marítima salpicando água em meu rosto foi o momento mais inesquecível de todos os momentos que jamais esqueci. Devemos ter ficado sem trocar palavras umas duas horas no vai e vem do velho rio-ao-mar. Com o Farol do Cabeço na cabeça só me vinha uma música que eu conhecia das festinhas da faculdade. Fiz um esforço pra lembrar de toda a letra, façanha que só agora, 15 anos depois, consegui. Naquele momento, os buracos letrais eu preenchia com um humhumhum emitido por dentro, entre o nariz e a garganta, ajudado pelo vento franciscano.

**O homem chega, já desfaz a natureza**

**Tira gente, põe represa, diz que tudo vai mudar**

**O São Francisco lá pra cima da Bahia**

**Diz que dia menos dia vai subir bem devagar**

**E passo a passo vai cumprindo a profecia do beato**

**que dizia que o Sertão ia alagar**

**O sertão vai virar mar, dá no coração**

**O medo que algum dia o mar também vire sertão**

**Adeus Remanso, Casa Nova, Sento-Sé**

**Adeus Pilão Arcado vem o rio te engolir**

**Debaixo d'água lá se vai a vida inteira**

**Por cima da cachoeira o gaiola vai subir**

**Vai ter barragem no salto do Sobradinho**

**E o povo vai-se embora com medo de se afogar.**

Quando a música foi feita em 1977, por Sá e Guarabira, o Velho Chico começava a ser descascado de suas águas. A profecia fazia sentido. ....

A Ilha do Cabeço e seu velho Farol foram a prova de que o sertão iria virar mar. Virou ali. Sorte que eu tinha o silêncio de Ismael pra me ensinar a falar as palavras dos olhos. Cores molhadas são as alegrias daquele mágico lugar. Aquela manhã de 2ª feira, calma, com pouca gente à vista, aqui e acolá algum perdido ou achado, nunca dá pra saber, parecia um pacto entre nós para começar a nova jornada – semana à vista. Depois de navegarmos umas quatro horas fui me despedir de Brejo Grande. Ismael revelou seu lado conversador ao lado de Maria Isolda. Convidou-me pra almoçar e me dar algumas dicas da minha próxima parada ali do outro lado do rio, já nas Alagoas, sempre em direção ao Sol. Não há maior dádiva do que comer uma comida simples, numa casa simples, com pessoas simples. Resta saber o que cada um de nós considera como simples. Eu que já vinha aprendendo nessa viagem agora acho que já sei. Simples é quando não falta nada, tudo é suprido, o ar é respirável pelo pulmãozinho do cérebro, não ficam lacunas na alma, esbanja-se sorrisos e sobram olhares ternos e cúmplices. Os de Maria Isolda e Ismael entrecruzando -se e colocando o meu olhar no meio é a prova. Imaginem a foto da minha descrição. Ao me despedir, observei que Maria Isolda disfarçou de Ismael e colocou um pequeno bilhete na minha mão. .... Saí de Sergipe para Alagoas pegando a balsa Brejo Grande-Piaçabuçu por volta de duas da tarde, sem coragem de ler o que dizia o bilhete. Ele é uma das poucas coisas materiais que guardo da minha viagem. Resolvi ler o bilhete depois que chegasse a Porto de Pedras, meu destino naquele dia. A distância de 280 km não me intimidava pois naquela manhã eu tinha me tornado auxiliar de navegador. Durante a viagem fiquei conjecturando o que poderia ter naquele bilhete... Acho que foi pra exercitar minha imaginação que eu não quis ler antes de chegar ao meu ponto final do dia. Lembrei-me das curiosidades contidas nas noites de Natal da minha infância que só eram reveladas quando Papai Noel autorizava. Seria o bilhete a receita do prato que eu tinha elogiado no almoço? Seria a anotação do endereço do casal em Brejo Grande para receberem correspondência? Corri uma maratona de hipóteses... Uma mensagem de despedida? Uma crise conjugal? Um problema financeiro? Algum sofrimento oculto não compartilhado? Seria algum pedido de desculpa pelo acolhimento simples? .... Quase parei o carro pra ler o bilhete. Mas resisti. .... Cheguei por volta de 9 horas da noite. Fiquei cansado e estressado até arrumar hospedagem. Acabei deixando pra ler o bilhete assim que acordasse... Eu precisava descansar e achei que a mensagem podia me perturbar. ....

■ ■ ■